



“É uma situação difícil. Desanimado não digo, mas você começa a ficar com o pé atrás e duvidar do seu potencial, de como você vai dar a volta por cima sendo que você não tem um clube para atuar e mostrar que você não merece e nem mereceu passar por essa situação.” O desabafo de Júnior Fell, jogador de futebol profissional natural de Estrela, no Rio Grande do Sul, foi apenas uma das formas encontradas por ele para relatar suas dificuldades na profissão.

Desempregado há mais de quatro meses, o zagueiro coleciona experiências muito diferentes das imaginadas pelo senso comum de que o futebol brasileiro é um recinto de luxo e glamour para seus profissionais. Sem emprego e renda, Júnior precisou se mudar para a casa dos sogros, na cidade catarinense de Pomerode, para poder sobreviver. “Este momento que estou passando agora, durante todos esses meses, está sendo um dos piores da minha carreira. Sem clube, só em casa, sem rendimento mensal. Está sendo complicado lidar com tudo”.

Seu último emprego foi no Grêmio Esportivo Juventus, de Jaraguá do Sul, durante o Campeonato Catarinense da Série B, disputado entre os meses de junho e agosto de 2019. Lá, Júnior encontrou condições precárias de estrutura para treinos e alimentação, além de grandes dificuldades financeiras. “O clube não

pagava nosso salário e quando depositava era cerca de 30% do valor. Eu tinha minhas contas e não conseguia pagar, isso acabava gerando estresse e tirando o foco do campeonato, do rendimento no dia a dia.”

Pela equipe, foram oito jogos atuando no período de quatro meses de vínculo. O Juventus não conquistou o acesso em campo à elite do futebol catarinense — em outubro, a equipe herdou uma vaga na Série A após desistência do Almirante Barroso —, e com o fim do campeonato restou uma lacuna de oito meses sem calendário para o clube. Com isso, a diretoria do Grená rescindiu o contrato de Júnior para que o zagueiro pudesse buscar outros clubes para atuar. Até hoje ele espera receber o valor integral da rescisão.

Com 10 anos de carreira, o gaúcho mantém a fé e a esperança de que uma nova porta se abrirá em sua vida. Sua história foi assim.



Diferente da grande maioria dos jovens, Júnior começou tardiamente sua carreira, apenas aos 17 anos. Sua primeira porta se abriu enquanto ainda trabalhava em uma empresa de tecelagem em sua cidade natal, e durante torneios corporativos foi notado por um técnico que o levou ao Clube Atlético Metropolitano.

Júnior deixou para trás sua família — uma de suas maiores saudades — e rumou para Blumenau em busca do sonho de ser jogador de futebol. Nada foi fácil neste trajeto.

Em 2010, a oportunidade de jogar nas categorias de base do Club de Regatas Vasco da Gama mostrou a realidade nua e crua de quem quer seguir

adiante no futebol. O salário mensal era pago a cada três meses de trabalho, e as condições de moradia eram precárias.

Quando chegou, morou nos alojamentos da equipe carioca, localizados abaixo das arquibancadas do estádio de São Januário. A estrutura era ruim, e os quartos chegavam a ter 10 meninos dividindo o espaço em beliches. Depois mudou para a casa do sub—20, dentro das dependências do Vasco. Lá, a alimentação era ruim e insuficiente.

No Rio de Janeiro, a 1665km de casa, Júnior ligava para a mãe pedindo dinheiro para comprar pão e margarina. Ele precisava ter o que comer e também queria dividir com os jogadores que tinham ainda menos, ou nada.

Sua história coincide com a de tantos outros jogadores profissionais registrados no Brasil. A realidade que passa distante da vivida por Neymar, Firmino e Gabigol, mas que corresponde ao que enfrenta a grande maioria dos atletas do esporte no país.

Segundo dados do estudo Impacto do futebol brasileiro, produzido pela consultoria Ernst & Young a pedido da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), 55% dos 11600 jogadores profissionais com contrato ativo em 2018 tiveram rendimentos mensais de até um salário mínimo. Na outra ponta, apenas 363 atletas recebiam salários acima de R\$50.000 mensais, o equivalente a menos de 1% do total.

Os profissionais enfrentam ainda o desafio de se manter empregados e em atividade durante todo o ano. A falta de calendário e a dificuldade financeira para clubes de pequeno porte impossibilita a assinatura de contratos longos, o que não permite à maioria esmagadora dos jogadores estabelecer um plano de carreira. Tampouco saber se haverá dinheiro para o mês seguinte.

### **Do lado de lá do oceano**

Jogar fora do Brasil, além de um objetivo, passa a ser também uma alternativa aos atletas profissionais brasileiros de encontrar emprego e melhores condições de vida.

Segundo relatório produzido pela Diretoria de Registro, Transferência e Licenciamento da CBF, 792 jogadores e 40 jogadoras profissionais deixaram o Brasil para atuar no exterior em 2018.

O motivo? Muitas vezes clubes amadores ou profissionais de divisões inferiores oferecem, no exterior, estruturas e salários melhores que equipes pequenas no Brasil.

Júnior também viveu de perto esta realidade. Após retornar do Vasco da Gama, foi emprestado ao Ferencvárosi TC, da Hungria, em 2013. No país com menos de 10 milhões de habitantes, a equipe da capital Budapeste é considerada uma das principais do futebol nacional, “algo como um Flamengo ou Corinthians no Brasil”, definiu o zagueiro.

Em terras húngaras, as condições de trabalho eram as melhores. Financeiramente, o salário era bom e pago em dia. Quanto à estrutura, o *Fradí*, como é carinhosamente apelidado pela torcida, oferecia boa acomodação e alimentação, além de todo o auxílio necessário para o bem estar do atleta.

Sua trajetória no país europeu foi interrompida por uma pubalgia que o afastou dos gramados por sete meses.

Quatro anos depois, em 2017, o destino foi o Roasso Kumamoto, equipe do sul do Japão. Na época disputando a segunda divisão do campeonato nacional, o clube nipônico foi uma experiência positiva na vida do zagueiro. “Gostei bastante do meu período lá. A estrutura, a questão financeira e de moradia eram muito boas dentro do esporte, e a cidade era boa para viver. Infelizmente, por questões burocráticas, não foi possível renovar o contrato e retornei ao Brasil.”

Mas o desejo de atuar fora do país permanece. Segundo Júnior, depois de rodar o Brasil e ter experiência no exterior, o lado de lá do oceano oferece mais chances e oportunidades que o chamado “país do futebol”. “Em relação a minha vida no exterior e aqui, hoje mesmo eu voltaria para fora, não viveria no Brasil.”

## **As raízes**

A realidade do esporte no Brasil passa também pelas escolhas que renunciam partes importantes da vida do atleta. Muito comumente, a busca pelo

sonho começa cedo, antes dos 14 anos de idade, e deixar para trás familiares, amigos e também a adolescência se torna inevitável.

Cassiano Borges Santana, de 25 anos, nasceu em São Roque do Paraguaçu, na Bahia, e desde os 12 anos saiu de casa em busca do sonho de se tornar jogador de futebol profissional. “Abri mão de ver meus sobrinhos crescerem, festas em família, passei vários aniversários sozinho”.

Assim como ele, o também baiano Alex Assunção, da mesma idade, deixou sua cidade natal Jaguaquara aos 14 anos em busca da vida boa que acreditava que o futebol proporcionava.

Para a psicóloga das categorias de base do Avaí Futebol Clube, Fernanda Schweitzer, o processo de distanciamento das famílias é um dos maiores desafios a serem enfrentados na busca pela profissionalização no esporte e também um fator determinante no desenvolvimento técnico e psicológico do atleta.

Segundo Fernanda, contar com uma estrutura de ação conjunta entre técnicos, coordenadores e psicólogos é essencial para que o atleta apresente o melhor rendimento e se desenvolva também como ser humano. “A falta de estrutura, tanto de apoio como física, torna esses atletas mais vulneráveis. Quando você oferece uma equipe com assistência social, você faz um acompanhamento e identifica dificuldades, problemas e então pode agir numa solução. Você também atua no processo de amenizar a saudade de casa, em ensinamentos que podem até não ser usados dentro do esporte, mas são valiosos para o cidadão”.

Longe de casa, a pressão e cobrança por prosperidade são outro fator de peso para os atletas. Muitas vezes com origem na família, as expectativas de uma carreira de sucesso esbarram no filtro que o esporte impõe aos que tentam. Segundo a Universidade do Futebol, “a cada 3000 crianças que buscam no futebol uma oportunidade, apenas uma consegue avançar em uma peneira de clube”.

Neste sentido, Fernanda acredita que a percepção do difícil caminho a percorrer está mais disseminada entre as crianças. “Eles sabem que o cenário não é dos melhores, são poucos que chegam. Pelo fato de chegarem a um clube profissional eles já passaram por várias seleções, desde o bairro até a escolinha. Já teve um olheiro que chamou para um teste. Eles sabem. Eles já viram vários amigos que ficaram pelo caminho.”

Lucas Marques, professor na Escolinha de Futebol do Coxa em Pinhais, no Paraná, concorda com a visão da psicóloga. Para ele, os jovens a partir dos 10 anos tendem a ter melhor percepção acerca de suas qualidades e diferenciais, além das reais chances de êxito dentro do esporte.

A trajetória até a consolidação profissional é repleta de percalços. Nem sempre os que vingam nas categorias de base se tornam jogadores de futebol da elite do país. Convocações de seleções de base, inclusive, raramente se repetem quando se alcança o nível principal. E a opção de desistir — raramente feita — colide com a realidade da maior parte dos jogadores de futebol no Brasil: a falta de estudos.

Júnior Fell não conseguiu completar o segundo grau e parou no primeiro ano do ensino médio. Conciliar aulas e provas com a rotina de treinos, campeonatos, além de mudanças de clubes e cidades, tornou-se uma missão impossível e sacrifícios foram feitos para não deixar o sonho para trás.

O que deveria ser básico, acaba se tornando um privilégio para os que estão nos principais clubes do país, que avançaram neste sentido. Hoje, equipes de elite — e algumas federações — exigem a frequência dos atletas na escola. Nas de melhor estrutura, muitas vezes são oferecidas aulas particulares das disciplinas e também de inglês, para que as transferências para o exterior sejam feitas com mais preparo.

Fora do grupo de privilegiados, Júnior pretende realizar a prova do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), que dá certificado de conclusão de ensino médio para quem não teve a oportunidade de concluir os estudos na idade apropriada.

### **Histórias cruzadas**

O mundo do futebol no Brasil é vasto, mas tem uma imensidão de histórias repetidas. Assim como Júnior Fell, o atacante Alex Assunção também já enfrentou o desemprego. Por dois anos, precisou encontrar em outros empregos sua renda, já que o futebol não oferecia outra possibilidade.

Aos 25 anos, o baiano de Jaguaquara encontrou em Portugal a chance do recomeço. No FC Fontelas, clube amador do país, a estrutura oferecida era superior a de equipes pelas quais passou no Brasil, como a do catarinense Porto.

Em 2017, na cidade catarinense de Porto União, divisa com o Paraná, Alex disputou a Série C do Campeonato Estadual dispondo de uma estrutura precária. Muitas vezes retornava do treino e ia com a esposa ao mercado comprar comida. Da mesma forma que Júnior, o objetivo era levar alimento para dividir com os outros meninos da equipe que não tinham condições para comprar algo além do oferecido pelo clube.

Sem estrutura mínima, a gota d'água foi a questão salarial. A equipe se recusou a pagar os salários, então Alex Assunção deixou Porto União e virou atendente em uma loja de shopping.

Quem também estendeu a mão aos colegas de time diante das precárias condições foi o atacante João Maria Lima do Nascimento, ou apenas Lima, como é chamado no meio do futebol. Aos 37 anos, o artilheiro do Joinville Esporte Clube — equipe para a qual retornou nesta temporada — coleciona passagens por clubes considerados de expressão no país, como Goiás, Bahia, Ceará e Santa Cruz.

Em 2019, o potiguar de Natal atuou no Hercílio Luz, da cidade catarinense de Tubarão. Disputando a Série A do campeonato estadual, a equipe enfrentava dificuldades estruturais. “Para mim, a mais difícil enquanto estava lá foi uma viagem a Chapecó para uma partida contra a Chapecoense. Viajamos quase 550km em um ônibus sem conforto, que acabou quebrando, chegamos atrasados no hotel e só fomos comer de madrugada”.

Além disto, o clube não possuía estrutura médica, fundamental em uma profissão que envolve desgaste físico e ocorrência de lesões. Segundo a esposa do atleta, Thais Lima, o Hercílio Luz não possuía médico com vínculo empregatício, apenas um externo que trabalhava por carinho à equipe nas horas em que não estava em seu consultório pessoal.

Em algumas situações de lesão no treino, por exemplo, os atletas não eram atendidos de imediato, muitas vezes nem no mesmo dia. Sem plano de saúde, a saída era esperar o médico chegar para dar sequência ao diagnóstico. Muitas vezes Lima e Thais, por possuírem carro, levavam os atletas para exames e consultas.

## **A voz da experiência**

Aos 37 anos, Lima está de volta ao JEC, equipe em que é artilheiro e onde viveu seus melhores momentos na carreira.

Quando deixou o Coelho, em 2013, o clube disputou a Série C do Campeonato Brasileiro e teve anos de glória na sequência, chegando a participar da Série A na temporada de 2015.

De lá para cá, o momento inverteu e deu lugar a uma sequência de três rebaixamentos em quatro anos, além de dificuldades financeiras do lado de fora das quatro linhas que chegaram a deixar jogadores, comissão técnica e funcionários com salários atrasados.

Segundo Lima, um dos mais experientes do elenco atual do Joinville, antes do acerto com a equipe a conversa foi sobre a necessidade de não atrasar o pagamento. “O principal é deixar o salário em dia, porque se não for assim o atleta não tem cabeça para jogar. É o básico”.

Ele também frisou a importância de passar experiências que coleciona para os jovens, que, no JEC, são maioria. “Converso bastante com os meninos. Eles sabem que vão passar por dificuldades, mas nós com a experiência que temos orientamos para serem persistente. Se acontecer a primeira vez e eles ficarem chateados pensando que poderiam estar em outro lugar, com a família, então na primeira eles vão parar”.

## **Quem explica**

As inúmeras histórias que se cruzam no mundo do futebol têm um ponto em comum: quem gere toda a estrutura do esporte.

A nível nacional, a Confederação Brasileira de Futebol é a responsável por organizar, fomentar e também determinar as diretrizes do esporte no país. Abaixo dela, cada estado tem sua federação para melhor administrar o futebol local.

A Federação Catarinense de Futebol (FCF), fundada em 1924, tem como principal objetivo “administrar, dirigir, fomentar, difundir, incentivar e fiscalizar, de



acordo com sua competência legal, a prática de futebol, profissional e amador do Estado de Santa Catarina, incentivando sua difusão e aperfeiçoamento e melhoria técnica e organizacional das atividades desportivas”, segundo documentos internos.

Os representantes da FCF, Fábio Nogueira, diretor de Competições Principais da FCF, Carlos Fernando Crispim, Diretor de Competições Especiais, e José Carlos Goulart Junior, Diretor de Ligas Não Profissionais e Assessor de Competições Especiais, reconhecem que a realidade de quem vive do futebol não representa a exibida nas redes sociais dos atletas de elite. Segundo Crispim, em alguns casos, “a situação se assemelha à tristeza”.

Eles ponderam porém que o estado catarinense oferece, dentro da realidade do Brasil, boas condições para a prática do futebol. “A FCF tenta dar todo apoio aos clubes de pequeno porte. O dinheiro que nos é repassado pela CBF, não ficamos com quase nada. Nós oferecemos descontos nas taxas das competições, doamos material, como bolas oficiais para a disputa de um campeonato. Nós fornecemos para que os clubes possam investir em equipe”.

Porém, segundo Fabiano Pierri, dirigente do Guarani de Palhoça, nem sempre a história é assim. “As séries B e C do Catarinense, por exemplo, duram apenas três meses, que é o mínimo que se pode fazer em um contrato de atleta profissional. Pelo custo da logística, dos salários, são campeonatos extremamente deficitários onde não temos retorno financeiro algum. Tudo é custeado pelos clubes. A arbitragem, a logística para se jogar, segurança, policiamento no dia do jogo”.

Para ele, a profissionalização do futebol nacional, na CBF e nas federações, é urgente.

A antropóloga Carmen Rial, que tem o futebol como campo de estudo, acrescenta que a dificuldade também está no fato de as federações serem entes muito afastados do campo.

Além das entidades, Carmen também aponta os clubes como responsáveis pelo cenário do futebol nacional. “Os clubes são muito individualistas, quem dirige são pessoas que não têm passado relacionado diretamente ao futebol, diferente do que acontece na Europa. Os jogadores aqui não se envolvem com política no Brasil, exceto algumas raras exceções de atletas que retornaram da Europa e se tornaram vozes ativas no país.”

Crispim concorda com esta visão. Para ele, as gestões dos clubes são cruciais para o cenário das dificuldades. Escolhas erradas, falta de investimento e ausência de planejamento tornam o trabalho do clube e dos profissionais uma busca constante por sobrevivência.

Da mesma forma, Júnior Fell define a atuação das entidades máximas como razoável, mas afirma que más gestões se tornam um desafio. “É um bom trabalho. Eles tentam melhorar as condições dos clubes e atletas, até porque para ter um campeonato estadual você tem que ter uma estrutura, e tem que passar uma boa verba para esses clubes se manterem por esse período. Mas muitas vezes as equipes fecham as portas por ego e briga interna.”

Aliada às más gestões, Fábio Nogueira classifica a questão econômica como um fator preponderante. “O futebol, como tudo nessa vida, precisa de dinheiro. A economia do país não vai bem e isso reflete no futebol. Falta investimento, falta patrocínio e quem tenha dinheiro para aplicar no esporte”.

Quando perguntados se caberia à Federação atuar neste sentido, criando regras mais duras e com uma fiscalização intensa, a resposta foi uníssona. “Se fizermos isso, mais da metade dos times não se enquadrariam nas regras, e então não teríamos competição”.

Para responder aos temas e a sua atuação em âmbito nacional, a CBF foi procurada, mas não retornou os contatos e tampouco respondeu aos telefonemas.

Em seu site, a entidade coloca a liderança e a promoção da prática esportiva do futebol no Brasil como objetivo principal. Elenca, ainda, a busca em “identificar e solucionar os principais obstáculos ao desenvolvimento do futebol brasileiro”.

Para isso, estabeleceu o Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro que, após encontros envolvendo mais de 75 profissionais envolvidos com o esporte, elaborou em 2016 “o primeiro Código de Ética do futebol Brasileiro e dos pilares da reforma do Estatuto da CBF, a criação de um novo Calendário do Futebol Brasileiro, um plano estruturante para o futebol feminino, o desenvolvimento do Regulamento Nacional da Concessão de Licença de Clubes, um projeto antigo da Diretoria de Registro e Transferência, além do desenvolvimento de uma metodologia oficial da CBF para ensino de futebol para crianças”.

## **Calendário**

O calendário do futebol nacional é assunto polêmico há anos entre os entes do esporte. Oferecer competições e datas para todas as equipes é um desafio ainda sem solução. Para isso, Confederação e federações estaduais atuam em conjunto, unindo competições de abrangência nacional e local para manter os clubes em atividade e, conseqüentemente, os jogadores empregados.

Mas não é o que acontece. Com 7020 clubes profissionais registrados no Brasil em 2018, segundo dados disponíveis no relatório encomendado pela CBF, apenas 1430 estavam em atividade.

Neste ano, sete equipes desistiram de suas vagas na Copa Verde, competição nacional organizada pela CBF para preencher calendário de equipes melhores ranqueadas nos estados do Acre, Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Rondônia e Roraima e que oferece ao campeão vaga direta nas oitavas de final da Copa do Brasil do ano seguinte.

O motivo? O começo tardio da competição, apenas no fim de julho, fez com que as equipes não tivessem nem calendário nem condições financeiras para manter elenco. A maior parte dos clubes encerrou as atividades após o fim dos campeonatos estaduais, em abril.

“Essa questão hoje é a que mais prejudica. O calendário é curto exatamente pelo custo da competição, como não tem incentivo de ninguém, cada vez mais se diminuem as competições, principalmente no segundo semestre do ano. Isso acaba fechando clubes e por consequência prejudicando a vida dos atletas, que ficam desempregados esperando novembro para tentar um clube para atuar durante os estaduais”, afirmou Fabiano Pierri, dirigente da equipe do Guarani de Palhoça, da Grande Florianópolis.

Para 2020, a CBF elaborou um calendário que abrange datas oficiais até novembro para todas as equipes dentro das quatro divisões nacionais. Contudo, somando o número de equipes das séries A, B, C e D, a melhoria atinge apenas

128 clubes do país. Em 2018, isso representaria menos de 20% das equipes profissionais em atividade.

Isto significa que, apesar dos avanços, quem figura fora da elite nacional segue o desafio de sobreviver às condições que o futebol brasileiro oferece. O desemprego em massa causado pelo calendário — que atinge, além dos jogadores, profissionais de comissão técnica — permanece, ainda sem solução.

### **Arte de se reinventar**

Em busca de sobrevivência, equipes brasileiras encontram soluções alternativas para se manterem em atividade durante todo o ano. Na Grande Florianópolis, o Guarani de Palhoça Futebol Ltda. pode ser considerado um *case* de sucesso.

Para alcançar este patamar, a saída uniu dois fatores. A renúncia no investimento em futebol profissional junto à transferência de todo o foco às categorias de base, além da transformação da equipe em clube-empresa. Desde então, jogadores para o elenco principal têm contrato apenas durante a disputa do campeonato estadual.

“Nossa escolha é realmente pela questão de sobrevivência. O modelo que tínhamos até então era ultrapassado para o futebol brasileiro de hoje, com o calendário que a gente tem e a falta de investimentos. Acaba sendo muito difícil e é decitário você investir em futebol profissional, então enquanto não tiver mudança manteremos nosso foco na base, porque o custo é muito alto”, contou Fabiano Pierri, dirigente da equipe.

Desde 2015, o Guarani tem parceria, por meio do clube Pianura, com a Guarani Sociedade Esportiva Diretiva de Cultura. O objetivo é reestruturar o clube tanto na área de profissionais quanto na infraestrutura, além de evoluir na gestão profissional, de organização e de credibilidade do clube.

Em 2016, além de disputar a Série A do Campeonato Catarinense, o ano marcou um passo importante — e que é orgulhosamente mencionado — para a equipe da Grande Florianópolis: a conquista do certificado de Clube Formador da CBF.

Para alcançar este objetivo, as equipes precisam atender uma série de demandas, como “apresentar a relação dos técnicos e preparadores físicos, comprovar a participação em competições oficiais, detalhar os programas de treinamento e proporcionar assistência médica e educacional aos atletas”. Neste ano, além do Guarani, apenas outras cinco equipes catarinenses detêm o certificado.

“Nós temos toda uma estrutura organizada dentro do clube. Temos departamento médico com enfermeiro, médico, fisioterapeuta, profissionais desde massagista e roupeiro, preparador físico e de goleiro. Na parte de gestão, ainda tem departamento jurídico, de futebol, financeiro, RH, administrativo e do patrimônio do clube. O clube ainda oferece seis refeições por dia, alojamento para 66 atletas, assistência psicológica e assistente social. Além disso, durante treinos e partidos temos uma ambulância disponível para emergências. Todos os atletas têm Unimed, plano odontológico e recebem ajuda de custo dependendo da faixa etária. A partir do momento que assinam um contrato profissional recebem salário. É um investimento muito alto”, frisou Fabiano.

Os bons frutos já estão sendo colhidos. Segundo Fabiano, chegar ao Guarani de Palhoça é um sonho para muitos meninos para conseguirem transferência para um grande clube. “Temos uma estrutura de negociação de atletas muito boa aqui”.

Neste quesito, o ano de 2019 foi especial. O lateral-direito Khellven, de apenas 18 anos, foi revelado na equipe catarinense e fez parte do elenco do Athletico, campeão da Copa do Brasil, atuando inclusive como titular na reta final da competição. Natural de Alexandria, no Rio Grande do Norte, o jovem também alcançou um sonho comum entre quem quer ser jogador de futebol: vestir a amarelinha. Ele foi convocado para defender a seleção brasileira sub-20 durante um triangular amistoso contra as seleções do Peru e da Colômbia.

## **União da categoria**



As lutas em prol de uma categoria também existem no mundo do futebol. Entre sindicatos e associações, as vozes que se levantam em busca de um futuro melhor para quem vive do esporte nem sempre encontram espaço para repercutir.

No caso do futebol, um grupo em especial alcançou um feito antes nunca visto: ações concretas dentro das competições e de clubes da primeira e segunda divisão do Campeonato Brasileiro: o Bom Senso F.C.

Com mais de 300 assinaturas, o movimento foi criado em 2013 sob liderança de grandes nomes do futebol brasileiro. Jogadores como Alex, Paulo André, Juan e Rogério Ceni — hoje todos aposentados do esporte — encabeçaram a ideia que tinha como objetivo principal a luta por melhorias no futebol brasileiro e, em especial, valorizar os clubes e atletas que estão espalhados pelo país.

Para Alex, que brilhou como meio-campista do Cruzeiro, Palmeiras e Coritiba e sempre foi uma das vozes mais ativas no esporte, a atuação do movimento enquanto exposição dos problemas foi a melhor. “Eu definia como espetacular. Chegamos ao mais alto escalão do país. Reunimos com a emissora detentora dos direitos do nosso futebol, com clubes, presidentes de empresas que colocam dinheiro no esporte, CBF. Encontramos o presidente da Câmara, Senado, Ministério do Esporte (*à época, durante o governo de Dilma Rouseff, ainda existente*), Cultura e Casa Civil. Sentamos com a Presidente da República”.



Dentro de campo, o Bom Senso F.C. mobilizou jogadores contra a falta de ações da CBF durante partidas oficiais. Em jogos do Campeonato Brasileiro daquele ano, após o apito inicial, jogadores cruzaram os braços e fizeram um minuto de silêncio em protesto. Em outros jogos, a ideia foi mostrar união, e atletas das duas equipes se abraçaram, intercalados, no círculo central do gramado.

Do lado de fora, notas oficiais foram emitidas criticando a postura da entidade máxima do futebol brasileiro, com ameaças inclusive de greve. Esse tipo de ação nunca chegou a acontecer, e, três anos depois, o movimento encerrou as atividades.

Segundo Alex, o fim está atrelado à falta de interesse dos atletas hoje em ação. “O sumiço passa pelo motivo que o movimento é de jogadores de futebol. Você ouve nossos principais nomes falarem algo? Infelizmente não. Então é uma realidade que deve ser alterada um dia, mas acredito que não a curto prazo”.

Paulo André, zagueiro campeão mundial pelo Corinthians e atualmente diretor de futebol do Athletico, vê da mesma forma. “Hoje, e talvez sempre, eles conseguem olhar apenas pro próprio umbigo, talvez para o grupo e time que atuam. Eles não querem se envolver nessas questões mais profundas”.

Mas o ex-zagueiro ponderou legados deixados pelo Bom Senso F.C. “Por exemplo nas discussões muito mais profundas acerca da qualidade do nosso

futebol, do desequilíbrio do nosso calendário, da necessidade de gestões mais transparentes e democráticas”.

Em legados concretos, o movimento conquistou o Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (Profut), lei aprovada que prevê refinanciamento das dívidas dos clubes com a União em até 20 anos, e que em contrapartida impõe obrigações às equipes para permanecerem no programa.

Segundo o meio-campista Alex, com a visão que tem atualmente, faria apenas uma mudança em relação aos três anos de existência do grupo. “Teria sido mais radical”.

Permanecem em atividade os sindicatos e associações representativas dos jogadores de futebol profissional, como a Federação Nacional dos Atletas Profissionais de Futebol, com 17 sindicatos estaduais associados, entre eles o de Santa Catarina.

## **Origem e sonho**

O futebol chegou ao Brasil em 1894 na bagagem do brasileiro Charles Miller, que após um período de estudo na Inglaterra, berço do esporte, trouxe uma bola e regras que havia aprendido na Terra da Rainha. Em seus primórdios, a prática esportiva tinha fins de lazer e estava restrita aos brancos ricos.

“O futebol era um esporte de elite, os negros não podiam praticá-lo, então criavam ligas independentes. Não foi fácil essa transição, começou com a Ponte Preta, o time mais antigo do estado de São Paulo e um dos pioneiros a contar com negros em seu elenco”, contou a jornalista e antropóloga Carmen Rial.

As portas foram se abrindo aos negros, e o futebol deixou de ser um esporte restrito à elite branca para fazer parte da vida de pessoas de todas as classes que tivessem qualidade para jogar. Com sua profissionalização em 1933, o esporte passou a ser também uma forma de fonte de renda.

A relação entre futebol e negros é bastante forte e, apesar de não existirem dados concretos, estima-se que a maior parte dos jogadores de futebol profissional sejam negros.



Para a professora Carmen Rial, o motivo para este cenário tem relação com a condição social destes atletas. “Os negros são maioria nas classes sociais mais pobres do Brasil, enquanto do outro lado dominam os ricos brancos. Os jovens em camadas mais pobres, mais populares, têm mais tempo de rua, menos tempo de escola, então acabam desenvolvendo essa habilidade de jogar, que requer horas e horas de treinamento, muito cedo. Enquanto brancos ricos têm que ir para escola, e depois fazer aula de inglês, de natação. Além de não pode sair de casa porque é perigoso, não pode jogar futebol na rua. Eles ficam para trás no desenvolvimento da técnica”.

O futebol se torna, então, uma grande oportunidade de ascensão social. Segundo relatório divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, o Brasil está em 60º lugar entre 82 países no ranking que mede o índice de mobilidade social. De acordo com o estudo, um brasileiro que nasce na camada social mais pobre levaria nove gerações para chegar à renda média do país.

Na esperança de um futuro melhor, ser jogador de futebol se torna um sonho bastante comum entre as crianças. Para a antropóloga, não existe uma explicação única para este fenômeno devido à popularidade do esporte no Brasil, porém, reconhece que a ideia de grandes quantidades de dinheiro é um ponto crucial.

“O futebol é muito popular no Brasil, e isso há anos. Ele está na televisão todos os dias, enquanto outros esportes como basquete e beisebol geralmente se concentram na televisão fechada, disponível para poucos. Na mídia televisiva ou na internet, eles estão enxergando os jogadores milionários e não os atletas sem divisão no Brasil, que ganham salário mínimo. Eles só vêem essas estrelas, então faz sentido que eles queiram participar desse mundo”, afirmou.

## **O futuro**

Ao lado da esposa Karoline Saiber, Júnior não pensa em desistir do futebol. Para ele, viver do sonho é muito mais que realização, é motivo de orgulho. A força para seguir em frente ele encontra na companheira, na família, nos colegas de profissão e também na igreja.

A fé é um pilar para o casal. Segundo a esposa, é nela que eles entregam toda a esperança de que o amanhã trará uma nova oportunidade para o zagueiro.

Para a jornalista e antropóloga Carmen Rial, a forte conexão existente entre muitos atletas e religião se explica pela incerteza da profissão. “O futebol é muito imprevisível, tudo pode acontecer. No campo, eles podem entrar e fazer uma excelente partida, assim como podem se lesionar e ficar meses fora dos gramados. Por isso, para eles é importante ter algo para se agarrar no sentido de acreditar que as coisas acontecem da forma como deveriam”.

Porém, apesar de confiar em um futuro melhor, Karoline confessa a angústia que a espera traz. “Como mulher, é muito difícil o ver nessa situação de desemprego e não poder fazer nada. Eu já chorei escondida, já me ajoelhei e implorei a Deus para abrir as portas. Mas na frente dele eu tento ser sempre forte e incentivar para que ele pense positivo”.

Karoline nunca deixou faltar apoio e incentivo. Juntos há seis anos e casados há um, a catarinense de Pomerode se graduou em Direito, mas abdicou da carreira para estar ao lado do marido. “Fica difícil me dedicar a minha profissão, porque nunca sei onde estarei amanhã. Vida de jogador é hoje aqui, no mês seguinte outro lugar”.

Sem saber o tempo que permanecerão na casa de seus pais, ela também está desempregada e encontrou em “bicos” a saída para ter o mínimo de renda. “O que eu tento são bicos para de algum lugar fazer entrar 50 reais. Estou fazendo curso profissionalizante de maquiagem para tentar trabalhar com isso, mas nada é fácil. Cada centavo que temos nós guardamos para pagar as coisas mais importantes, o resto nos viramos como dá”.

Enquanto isso, a busca por um novo clube continua. Nem sempre o pensamento positivo é possível, e se revela principalmente na autoestima profissional.

Diante da dificuldade, Karoline confessa que já pensou em pedir para Júnior abandonar o esporte. “Com ele desempregado, já até falei que se não aparecer nada até janeiro ele precisa de um emprego em outra área, jogar amador e continuar em busca de uma equipe. Mas ao mesmo tempo me corta o coração em ser a responsável por ele largar o sonho, mesmo que provisoriamente. Nada é fácil”.

## **Escolinha: para o futebol e para a vida**

Muitas histórias no esporte, como a de Cassiano, se iniciam nas escolinhas de futebol de bairro. Segundo Lucas Marques, professor na Escola de Futebol do Coxa, em Pinhais, no Paraná, geralmente os alunos procuram as aulas por três razões: querer ser jogador de futebol profissional, desejo dos pais dos filhos praticarem a modalidade e, por último, a necessidade de uma atividade física.

Para ele, a percepção entre as crianças de sua real possibilidade de virar atleta profissional é fundamental. “A partir dos 10 anos eles começam a ter essa noção, porque dentro da própria escolinha você acaba formando equipes diferentes para determinados campeonatos. Para um campeonato mais difícil, você faz uma equipe melhor preparada. Se o menino ficou de fora, ele entende que tem a ver com qualidade técnica. São poucos os que de fato sairão dali e irão para as categorias de base dos clubes”.

Contudo, Lucas frisa a importância da escolinha para além do aprendizado do futebol. Para ele, o esporte tem também a função social de ensinar para além do atleta e pensar na formação humana, o que se torna um desafio constante.

Orcilei Rodrigues, fundador de um Projeto de Formação de Jogadores na Região Metropolitana de Curitiba, acredita que a maior dificuldade das crianças está em enxergar oportunidade onde há concorrência.

“Percebo muito também a dificuldade em focar no objetivo, o que acaba fazendo com que se percam no caminho em busca do sonho. Essa perda de foco faz com que, sem alto nível de concentração, muitas vezes os atletas tomem decisões erradas no treino ou no jogo e para além das quatro linhas, na vida”, completou.

## **Jogue como uma mulher**

Se a realidade no futebol masculino, tão espetacularizado e vendido pela mídia brasileira, não é a melhor, a categoria feminina enfrenta ainda mais dificuldades. Muito além de salários baixos e falta de estrutura, as mulheres convivem com o preconceito e a falta de visibilidade.

O ano de 2019 representou um avanço para o futebol feminino. Pela primeira vez, a Copa do Mundo Feminina foi exibida em TV aberta e atingiu recordes de audiência em todo o mundo.

Em sua nona edição, realizada na França, a competição aproximou a seleção feminina da torcida brasileira. Na partida entre Brasil e França, válida pelas oitavas de final e vencida pelas anfitriãs, o novo recorde de telespectadores foi alcançando na modalidade. A transmissão do jogo atingiu aproximadamente 30 pontos de audiência na Rede Globo.

O campeonato também foi marcado pela luta por igualdade salarial entre homens e mulheres. Marta, atacante eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo e autora de mais de 100 gols com a camisa da seleção, ganha € 340 mil por temporada. Neymar, que nunca levou o prêmio de melhor jogador do mundo, recebe € 91,5 milhões (R\$ 396 milhões) no mesmo período, segundo informações publicadas pelo jornal O Globo.

Na França, a atacante alagoana deu voz e estampou no uniforme de trabalho essa causa. Em sua chuteira, personalizou as palavras “*go equal*” — se torne igual, em tradução livre — no lugar da logomarca esportiva. E após converter um pênalti contra a Austrália, na segunda partida da competição, apontou para elas durante a comemoração.

Aos 33 anos, a embaixadora da ONU Mulheres não tem patrocínio esportivo após recusar proposta de renovação com a fornecedora de materiais Puma. O valor oferecido não foi aceito pela atleta.

## **Orgulho e referência**

Luiza Jesus da Silva, assim como Marta, superou dificuldades e desafios para se tornar jogadora de futebol profissional. De origem simples, a florianopolitana deu seus primeiros passos no esporte ainda cedo, aos dez anos de idade, e sempre encontrou na família apoio e incentivo para seguir atrás do sonho.

“Comecei em uma escolinha que era só para meninos. Meu irmão treinava lá, e eu fui aceita. Era a única menina. Eu sempre estava no meio deles, mas em alguns campeonatos eles não me deixavam participar. Meus pais brigavam para eu ter o meu espaço, até porque sabiam que eu tinha qualidade para isso”, lembrou.



Aos 24 anos, Luiza ocupa hoje a vaga de goleira titular do Avai/Kindermann, equipe que surgiu após a parceria entre o Avai e a Associação Esportiva Kindermann, de Caçador, no oeste de Santa Catarina, para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série A1. No clube, a jogadora tem boa estrutura de alojamento e alimentação, além de receber salário e conseguir sobreviver apenas do esporte.

Mas nem sempre foi assim. Luiza iniciou sua trajetória no amador, aos 15 anos, atuando pela Vou Saber F.C. Três anos depois, chegou ao Figueirense Paula Ramos, equipe de Futebol 7 — ou *society*. Durante os anos que atuou na várzea e no amador, a goleira precisou conciliar um emprego com a rotina de treinos e preparação. “Durante 6 anos da minha vida, eu jogava e trabalhava para poder ter renda mensal. Nos jogos eu não recebia, inclusive nós (*meninas da equipe*) arcávamos com o valor da mensalidade e das taxas para poder participar de campeonatos”.

A história mudou quando, durante os Jogos Abertos de Santa Catarina, atuando pela equipe do São José, Luiza foi vista e convidada para jogar profissionalmente pelo Avai/Kindermann. Desde então, a catarinense coleciona títulos pessoais e convocações para a seleção brasileira de Futebol 7. “O futebol me proporciona conquistas individuais e coletivas. Fui eleita duas vezes a melhor goleira de Futebol 7, a segunda melhor goleira da América junto com a seleção. É gratificante”.

### **Expectativas**

Segundo Luiza, as jogadoras não possuem carteira assinada, apenas contratos anuais com as equipes, que podem ou não ser renovados. Para ela, o futebol feminino já passou por situações bastante complicadas, entre preconceitos e desigualdade, mas vê um movimento no sentido positivo para a modalidade.

A Copa do Mundo deste ano foi um divisor de águas. “Após o torneio, a CBF deu um *up* na visibilidade. Conseguimos o feito de ter transmissão ao vivo dos jogos em rede nacional e internacional em horário nobre. Isso foi um avanço. A CBF está dando também um incentivo bom para a seleção principal. Agora com a Pia (*Sundhage, técnica sueca contratada para a seleção feminina após o torneio*), a seleção tem muito a ganhar, e por consequência o futebol feminino no país”, avalia a goleira.

Se a avaliação da postura da CBF é positiva, o mesmo Luiza não considera para a FCF. “Eles investem muito pouco no futebol feminino. A questão do Campeonato Catarinense, nós só temos três clubes no estado que tem condições de disputar o campeonato, então falta ação da federação em cima das equipes para que eles possam investir nas atletas e gerar emprego. E pecam também na divulgação desse campeonato, que é o único que a gente tem na região. A visibilidade e divulgação por parte da FCF são ruins”.

A mesma avaliação é feita por Izabele Stahelin, zagueira do Figueirense Paula Ramos. “A federação tem muito a melhorar, a crescer. Pelo menos exigir que clubes das séries A, B e C criassem feminino. Eles gastam com o quê? Bola e campo para treinar? Eles deixam muito a desejar nesse sentido”.

Segundo os dirigentes da FCF, quando questionados sobre a atuação da entidade no futebol feminino, a modalidade é uma das bandeiras da entidade. Para eles, um bom trabalho está sendo executado, mas dificuldades existem. “Se é difícil no masculino, imagina com as meninas”, frisaram.

Também de Florianópolis, Izabele relembra a situação da menina Natália Pereira, que aos nove anos de idade faz parte do elenco masculino sub-10 do Avaí. “Eu vejo isso de uma maneira boa e ruim. Por que não ter um time feminino? Por que não podem ter meninas de 10 a 14 anos para montar um time para que ela participe? Porque ela não encontra, então ela joga com o masculino porque quer jogar. Ela ama e se dedica muito a isso. Eu sei que a Natália não é a única, que muitas meninas fariam o mesmo com muita dedicação e amor, mas elas não têm. Se ela é mais nova e não tem um clube para jogar, acaba deixando de lado e indo fazer outras coisas e aí o sonho dela acaba sendo engolido pela realidade”.

## **Virou obrigação**

Se em 1941, durante o governo de Getúlio Vargas, vigorava o artigo 54 do Decreto-lei 3199, que definia que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”, 2019 foi o ano em que a presença delas em campo virou obrigação.

Exatos 40 anos que deixou de ser proibido por lei, o futebol feminino passou a ser exigência da Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e da CBF para que as equipes masculinas possam disputar a Copa Libertadores da América e o Campeonato Brasileiro da Série A.

A regra ainda abrange a menor parte das equipes nacionais, apenas as que disputam as competições de elite no país e na América do Sul, mas já é considerada um avanço para quem antes não tinha nem este espaço.

Para muitos clubes atenderem a demanda a tempo das competições deste ano, a saída rápida foi criar parcerias com equipes femininas já existentes. Foi o caso do Avaí, que se juntou ao Kindermann e fundou o Avaí/Kindermann.

A parceria foi fechada no começo de 2019, com validade para os próximos dois, e forneceu à equipe do Oeste a utilização do uniforme do Leão da Ilha, com os dois escudos estampados no peito, para a disputa dos jogos. Além disso, as partidas são realizadas nas duas cidades, tanto no Estádio da Ressacada, em Florianópolis, quanto em Caçador.

Para a zagueira Izabele, a ação da entidade máxima do futebol brasileiro foi um passo importante, mas revela uma face triste do mundo do esporte. “Isso vai fazer o futebol feminino dar alguns passos, mas mostra, infelizmente, que é necessário criar uma lei para os clubes fazerem isso. Se fosse opção, a maior parte não montaria equipes femininas”.

Segundo ela, mesmo com a nova regra, as estruturas oferecidas para homens e mulheres dentro do mesmo clube são bastantes diferentes. “No Brasil, a questão salarial já é difícil, mas a dificuldade em questão de estrutura é enorme. Muitos times de Série A, que estão representando os clubes grandes e profissionais, oferecem estrutura totalmente diferente da masculina. As meninas treinam em outros campos, em condições abaixo das usados pelos homens, ganham material

esportivo que sobra do masculino, com tamanhos que muitas vezes nem servem”, desabafa.

## **Dias melhores**

Seja no futebol masculino, quanto no feminino, as dificuldades fazem parte do caminho de quem busca o sonho de se tornar jogador profissional. Em um país repleto de desigualdades, o esporte não foge à realidade e é um reflexo do que vive a sociedade brasileira.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados em outubro apontam que a concentração de renda no país voltou a crescer. De acordo com o resultado, a renda da elite econômica brasileira corresponde a 33,8 vezes o rendimento da população mais pobre — que corresponde a 50% do total.

Os números se assemelham aos da concentração de renda no futebol. De um lado, poucos com muito. Do outro, muitos com pouco. A solução é busca constante entre grupos de estudo, especialistas da área e entes governamentais.

Porém, apesar de todas as dificuldades, o sentimento comum entre todas as histórias contadas e as tantas outras que existem espalhadas pelo país é o de resistência. Desistir não é uma opção.

Se o dito é que a esperança é a última que morre, Júnior Fell e Luíza Silva endossam o discurso.

Para ele, o sentimento de agradecimento. “São coisas que caem do céu e fazem você ter uma visão totalmente diferente do futebol. Se eu tivesse que falar para uma criança sobre o sonho de ser jogador profissional, eu com certeza daria incentivo, por mais complicado que seja e pelas tantas dificuldades que existem no caminho. Muitas coisas a TV e o povo não vêem. Mas, apesar de tudo, é muito bom ser jogador profissional. É gratificante”.

Para ela, a crença. “Acredito sim em grandes mudanças, já estamos vendo alguns poucos resultados. Não vai ser de hoje para amanhã, nem desse ano para o ano que vem. Os desafios sempre vamos ter e isso nos fortalece e mantém nossos pilares firmes para seguirmos em frente enfrentando o que vier. Quanto maior a dificuldade, maior a vitória. Só não podemos desistir”.



Apesar das dificuldades, desistir não surge como opção para os que lutam por espaço entre os grandes do futebol nacional. Segundo a professora Carmen Rial, a resiliência no esporte se deve ao prazer no trabalho. “Não vou dizer todos, mas a maior parte dos jogadores é feliz quando entra em campo. E é por isso que eles insistem, porque querem ir em busca do prazer que é jogar futebol. Prazer que faz as pessoas jogarem na rua, entre amigos, sem receber nada para isso. Eles têm a oportunidade de aliar esse prazer ao ganho de dinheiro”.